



ENTRE LOBOS E BRUXAS: A PERSPECTIVA DA CRIANÇA EM *MAMÃE TROUXE UM LOBO PARA CASA E A COLEÇÃO DE BRUXAS DE MEU PAI*

João Vitor Bezerra Laurentino¹; Dra. Márcia Tavares² (orientadora).

(Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – joaovitorlaurentino@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, tavares.ufcg@gmail.com)

Resumo: Na literatura infanto-juvenil, até pouco tempo, as crianças com seus pontos de vista, suas percepções acerca da realidade na qual está inserida, não eram trazidas à baila na produção literária infantil. Em um viés oposto a esta situação na qual prevalecia a visão adultocêntrica na construção dos textos, os contos de fada contemporâneos *Minha mãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*, já produzidos na década final do século XX, concedem à criança a posição de narrador homodiegético, logo, é pela visão infantil que o leitor compreende e interpreta as narrativas. Rosa Amanda Strausz, autora das obras supracitadas, conduz o leitor, por meio destes contos de fada, a contemplar os dilemas cotidianos que envolvem as famílias. Estabelecemos como propósito, neste artigo, analisar em ambos os textos literários, o lugar e a voz dados à criança nestes contos de fada, expondo como a criança compreende a chegada de novos integrantes em sua família. Partimos de uma pesquisa interpretativa de base documental. Percebeu-se que as crianças interpretam os recém-chegados como vilões invasores – lobo e bruxas, figuras personificadas como entidades malignas no imaginário infantil. Dentre outros teóricos, baseamo-nos em Zilberman e Magalhães (1987), quanto à emancipação da criança na literatura, e Coelho (2000), quanto à estrutura das narrativas infantis.

Palavras-chave: Criança. Literatura Infantil. Vilões.

Introdução

Na literatura infantil clássica, o maniqueísmo e a visão adultocêntrica acerca da realidade eram dados idiossincráticos à maioria dos textos produzidos, como também o caráter pedagógico e transmissor de conhecimentos e normas de conduta. Entretanto, já no século XX, há um deslocamento desse eixo. A produção literária contemporânea retoma recursos antigos e os funde em novos processos, com base em Coelho (2000), nesse sentido, peculiaridades caracterizam essas novas produções: a efabulação inicia-se com o motivo principal que conduz à situação problemática; personagens-tipo reaparecem em uma nova perspectiva; predomina o conto; a voz do narrador e o ato de contar tornam-se cada vez mais conscientes; o espaço é variável – aparecendo como simples ou como participante da ação; multiplica-se o apelo à visualidade.

As duas obras de Rosa Amanda Strausz analisadas neste artigo, *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*, ambas de 1995 condizem com as

¹ É estudante de Letras – Português, bolsista PIBIC/CNPq 2017/2018, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

² É doutora em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB – e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.





características defendidas por Coelho (2000), ambas iniciam-se a narrativa a partir da situação problema, são constituídas por personagens-tipo como o lobo e a bruxa, o espaço da efabulação é o ambiente doméstico, e, por fim, recorrem às ilustrações. Assim, ambas situam-se como contos de fadas contemporâneos.

As discussões que proporcionaram o desenvolvimento deste trabalho, advieram do âmbito da disciplina Literatura Infanto-Juvenil, ministrada pela professora Dra. Márcia Tavares, da Unidade Acadêmica de Letras, UAL, na Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. Neste artigo, objetivamos analisar as obras supracitadas, observando como se constrói a perspectiva da criança quanto à chegada de novos integrantes à sua família, na medida em que a criança configura-se como narradora personagem na diegese e como esse personagem interpreta a realidade na qual está inserida. Metodologicamente, partimos de uma pesquisa analítico-interpretativa de base documental. O cumprir de desses objetivos, baseia-se nas postulações teóricas de Coelho (2000), no que se refere à literatura infantil contemporânea, Magalhães (1987) quanto ao maniqueísmo e Magalhães (2001) quanto à realidade e a fantasia no imaginário do infante, dentre outros.

Quanto aos aspectos estruturais deste estudo, inicialmente discutiremos as conotações trazidas pela figura do lobo e da bruxa nos textos da literatura infantil clássica, logo após, descrevemos as obras analisadas a partir dos pontos de análise da narrativa, posteriormente, apresentamos a análise do narrar da criança, a absorção dos dados dos contos de fada e o reflexo desta absorção na realidade, por fim, tecemos as considerações últimas acerca do desenvolvimento deste estudo.

1. O lobo e a bruxa: conotações de vilões na literatura infantil clássica

De acordo com Coelho (2000), os contos de fadas tradicionais possuem origens em narrativas míticas. Nesse viés, Cassirer (1977, p.128) aponta o caráter binário (bem/mal) entre os elementos constitutivos dos mitos, os quais passaram a constituir os contos de fadas desenvolvidos e que se perpetua no imaginário popular contemporâneo:

A percepção mítica está sempre impregnada destas qualidades emocionais: o que se vê ou se sente é cercado de uma atmosfera especial – de alegria ou tristeza, angústia, excitação, exultação ou depressão. (...) Todos os objetos são benignos ou malignos, amigos ou inimigos, familiares ou sobrenaturais, encantadores e fascinantes ou repelentes e ameaçadores.

Encaminhando-nos a exemplos concretos, de um lado temos *Os Três Porquinhos* e *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault escritos no século XVII, do outro lado, João





VII ENLIJE

Maria, *Branca de Neve* e *Rapunzel*, escritos pelos Irmãos Grimm no século XIX, ambos os grupos mostram-se ligados por apresentarem, em suas narrativas, uma figura de índole má que se mostra antagônica aos personagens principais, diferenciam-se porém, o primeiro grupo por apresentar a imagem masculina do lobo como vilão, o segundo, por apresentar a figura feminina da bruxa como personificação do mal.

As histórias infantis como estas supracitadas, apresentam uma visão dicotômica quanto à índole dos personagens, os quais ou são inteiramente bons, como os heróis, as fadas, as princesas, ou são inteiramente ruins, como a bruxa e a madrasta, de acordo com Gonçalves (s/d.): “Portanto fada, mãe, princesa é sempre aquela que sofre, é boa, protege e garante a eterna felicidade”. Logo, ocorre uma solidificação do comportamento dos personagens, o que as tornam planas, isto é, personagens que desenvolvem ações possivelmente já esperadas/imaginadas pelo leitor.

Com os maus, ocorre inversamente proporcional, sendo assim “bruxa e madrasta sempre tentam barrar a felicidade da protagonista com ações malignas” (GONÇALVES, s/d., p.7). A tradição reforça a estruturação dicotômica e causa uma ordenação maniqueísta nas narrativas e tipifica os personagens (MAGALHÃES, 1987, p.47). A bruxa situa-se como personificação do mal, semelhantemente ao lobo, o qual se constitui como a figura masculina de índole negativa, apresentando em sua constituição traços de comportamentos considerados ruins, que, de maneira binária, opõe-se aos protagonistas dos contos de fadas.

Na literatura infantil contemporânea, personagens como a fada, a bruxa, o lobo, reaparecem, mas numa nova perspectiva, satírica ou crítica (COELHO, 2000, p.152), como nas obras de Strauzs aqui analisadas, *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*, nas quais, esses personagens ultrapassam as barreiras do maniqueísmo clássico e rompendo o aspecto binário. Mesmo produzidas em épocas distintas, a relação edificada entre imaginário e real continuam presentes. Não obstante, existem outras diferenciações entre as produções tradicionais deste gênero e as novas, como a voz e o lugar concedido à criança nas narrativas, nas obras analisadas, o lugar de narrador.

Tanto os contos de fadas clássicos como os contemporâneos, de acordo com Magalhães (2001), apresentam, em suas constituições, respostas e/ou sugestões a problemas humanos:

A principal qualidade do conto de fadas é colocar o leitor diante de problemas universais e oferecer-lhe, de maneira simbólica, sugestões para resolver esses problemas. Deste modo, a criança vivencia simbolicamente toda a sua problemática existencial e encontra soluções que lhe asseguram





maturidade psicológica (MAGALHÃES, 2001, p.45).

2. Obras Contemporâneas: *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*

De Rosa Amanda Strausz, *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai* são contos de fadas contemporâneos escritos em 1995, fim do século XX, o primeiro concedeu o prêmio de revelação a sua autora, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, no mesmo ano da publicação. Em 2010, as duas obras foram publicadas juntas em único livro, no modelo “vira-vira”, ilustrado ambos por Laurent Cardon e com textos introdutórios de Leo Cunha, autor de livros infantis e juvenis, e é esta edição, portanto, objeto de estudo neste artigo.

De acordo com Cunha (2010, p.5), a autora de ambas as obras aborda bem as temáticas em seus textos: “Rosa Amanda Strausz – escritora que é mestra em explorar os pequenos dilemas do dia a dia familiar”. São, portanto, esses dilemas familiares os fatores de reflexão e propulsores para que aconteça a narrativa. Os dois contos de fadas assemelham-se nessa perspectiva, na medida em que expõe a chegada/entrada de novos integrantes à família a partir da ótica e da compreensão da criança acerca desses fatos.

Em *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*, diferentemente das narrativas tradicionais como *O Mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum em que se conhece a criança pela visão adultocêntrica, nesta narrativa de Strausz, à criança é ofertada a posição de narrador homodiegético, que, de acordo com Genette (1978, apud Reuter, 2011, p.70), corresponde àquele narrador “presente como personagem na história que conta”. Sendo a figura infantil quem assume essa posição, o leitor conhece o enredo, o tempo, o espaço e os demais personagens pelo prisma da criança, fazendo-se necessária, por parte de quem lê, uma reflexão e um olhar minucioso sobre o discurso deste nos contos de fadas.

Mamãe trouxe um lobo para casa é um conto de fadas narrado por um menino (a qual não tem um nome mencionado na narrativa), uma criança cuja imaginação e capacidade de tornar fantástico o real lhes concedem traços marcantes. Numa tarde, após chegar da escola, a criança depara-se com uma nova figura no seio familiar, Levi, o lobo. Tem-se a quebra na situação inicial e o início das complicações subsequentes. A mãe e o pai são separados, Levi é o novo namorado da mãe. Na perspectiva infantil, Levi constitui-se como um intruso naquele lugar e naquela família. Há, por parte do narrador, uma relação de medo quanto ao suposto lobo e o clímax acontece quando os dois ficam sozinhos, porque a mãe precisava ir trabalhar,





o desfecho corresponde, portanto, à amizade formada após o diluir do medo cultivado pela criança. O espaço da narrativa é o prédio onde vive a família, o tempo corresponde ao decorrer de alguns dias.

Por sua vez, em *A coleção de bruxas de meu pai* pode-se encontrar uma narradora, Marcela, também uma criança, que narra à sua perspectiva os novos relacionamentos que o pai tenta estabelecer após a separação conjugal. Marcela é a irmã mais velha de Chico, o qual também convive com o advento das novas membras à família, dessa vez, na visão das crianças, tomadas como bruxas. Ao contrário da narração anterior, na qual a mãe já encontrou o seu namorado, esta narrativa constitui-se na busca do pai em conseguir a namorada ideal, nesse sentido, as crianças estabelecem contato, aos fins de semana, com as diversas pretendentes à companheira fixa do pai. É a partir da separação que o pai “inventou uma mania muito estranha. Passou a colecionar bruxas”, tem-se a complicação, o desenvolver da narrativa corresponde ao período em que o pai conhece bem suas namoradas, a qual tem seu clímax na chegada de Circe, a qual se torna a namorada do pai e, como Levi, amiga das crianças. O tempo corresponde a, no mínimo, quatro semanas, na narrativa encontram-se quatro supostas bruxas e cada qual corresponde a um fim de semana. Por fim, no tocante ao espaço, o ambiente familiar, a casa do pai, é palco para o acontecer dos fatos.

Enfim, de acordo com Coelho (2000), essas narrativas contemporâneas situam-se no realismo mágico, expondo as fronteiras fluidas entre o que é o imaginário do narrador e o que seria, de fato, a realidade, sobre *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de bruxas de meu pai*, pode-se apontar que são:

obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, em que as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum, em que interrompe algo “estranho”, que é visto ou vivido com maior naturalidade pelas personagens (COELHO, 2000, p.158).

3. O narrar da criança: o plano interpretativo das obras

Reiterando o que já foi exposto, vale ressaltar que ambos os contos de fadas contemporâneos apresentam traços comuns: apresentam um personagem antagônico clássico lobo/bruxa; acontecem em espaços semelhantes, o ambiente doméstico; decorrem em um espaço de tempo parecido, o decorrer de alguns dias; tratam de pequenos dilemas de família; e são narradas por crianças (narrativa em primeira pessoa). Nas duas obras em análise, com base nas postulações de Oliveira e Palo (1986, p.41), predominam a “verossimilhança sobre





veracidade, o emprego da fantasia sem hesitações e com caráter metafórico e não apenas compensatório e a criação de personagens infantis fortes”. De acordo com Tavares (2015), os personagens infantis situam-se como motivadores para o decorrer da ação das histórias:

Há muito, o personagem infantil na literatura brasileira ganhou destaque, não apenas como personagem secundário, mas, escrevendo – se como determinante para o andamento da ação. Sem delimitação de temas ou de espaço social, as personagens infantis estão no centro da narrativa controlando as próprias atitudes e resolvendo os conflitos apresentados (TAVARES, 2015, p.11).

Em *Mamãe trouxe um lobo para casa*, encontramos um narrador, sem nome, cuja idade não é revelada, mas que necessita de maiores cuidados por parte dos adultos, mora sozinho com a mãe que é separada de seu pai. Inicialmente, a situação de conforto que se encontrara o personagem-narrador é desestruturada com a chegada de Levi, o lobo. O leitor é conduzido, pelo ponto de vista da criança, a compreender quão grande era o perigo instaurado naquele ambiente, após o advento do lobo trazido pela mãe.

O narrador tenta, ao longo da narrativa, argumentar em favor da expulsão do lobo recém-chegado, para isso, usa e cita outros contos de fadas, o que demonstra conhecimento quanto às narrativas da literatura infantil e que é fato para justificar o absorver da fantasia:

- Lobos são muito perigosos, eles são maus – eu disse para ela.
- O Levi é muito legal – ela disse, enquanto começava a fazer meu jantar.
- Eles comem porquinhos – eu falei, lembrando da história dos três porquinhos e do lobo mau.
- Nós não somos porquinhos – ela sorriu.
- Também comem meninas e vovozinhas – eu disse, lembrando da história da Chapeuzinho Vermelho. (STRAUSZ, 2010, p.9)

A narrativa prossegue com a argumentação do narrador e as recusas da mãe. Ocorre um momento de tensão no momento em que o pai vai até à casa do filho e encontra Levi, o narrador cria a expectativa de que seu pai assumiria o posto de herói ao estilo das histórias em quadrinhos e o salvaria das garras do horrível lobo: “Meu pai é um homem forte e poderoso, não tem medo de nada. Ele poderia se defender e ainda por cima salvar minha mãe e eu das garras daquele lobo” (STRAUSZ, 2010a, p.19). Esse fragmento também é traço marcante da absorção do mundo fantástico (das histórias em quadrinhos e séries animadas de heróis) e seu reflexo no imaginário infantil.

Levi, na perspectiva da criança narradora, atua como um vilão que precisa ser combatido e destruído. Ao longo da narrativa, é apresentando com características como: invasor, na medida em que é um novo integrante de uma família já consolidada.





VII ENLIJE

por ocupar o lugar destinado ao pai no âmago da família; e ameaçador, por colocar em cheque a vida do narrador e de sua mãe. Enquanto, o narrador e a mãe apresentam características de: fragilidade, por serem suscetíveis aos ataques do lobo; manipulabilidade, na medida em que a mãe pode estar sendo enganada pelo lobo; e bondade, por acreditar no antagonista. Nesse sentido, percebe-se que os personagens em suas idiossincrasias, acarretam, em um primeiro momento, a ideia de que constituem um conto de fadas comum.

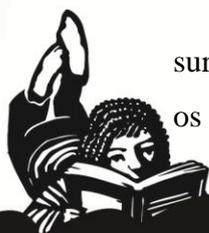
A história de Levi deixa o viés tradicional, a partir do momento em que o Lobo torna-se amigo do narrador e com ele vive momentos lúdicos, ambos convivem em harmonia e é revelado ao leitor que o lobo, na verdade, não é um animal, como em *Chapeuzinho Vermelho*, mas o namorado da mãe. Há, portanto, nesse conto, o encerrar da concepção binária. A perspectiva da criança torna-se crucial, porquanto, é a partir dela, que a problemática e complicação do texto se constrói.

Semelhantemente acontece em *A coleção de bruxas de meu pai*, também na perspectiva da criança, as bruxas assumem a posição outrora ocupada pela mãe, atuando como madrasta, a qual carrega consigo uma conotação negativa, por obras como *Cinderela* de Charles Perrault e *A Branca de Neve* dos Irmãos Grimm. Em Strausz, as bruxas assumem as seguintes características: invasoras, na medida em que chegam a uma família já constituída, pai e filhos; usurpadoras, por assumirem a posição da mãe e, por isso, madrastas; e ameaçadoras, porquanto desestabilizam a paz outrora gerada. Nesse sentido, tanto o Levi como as Bruxas, na figura de Circe, compartilham as mesmas idiossincrasias.

Em ambas as obras, as crianças demonstram ciúmes quanto aos pais. Em *A coleção de bruxas de meu pai*, Marcela, a narradora, e seu irmão Chiquinho, cultivam este ciúme, mas por não morarem com o pai – “Passou a colecionar bruxas. Cada vez que ele vinha nos buscar para o fim de semana, estava com uma diferente” (STRAUSZ, 2010b, p.6) – buscam maneiras de marcarem sua presença na casa paterna, as crianças lhe entregam animais como presentes, cada animal, trazia portanto as mesmas características das namoradas e procuravam substituí-las:

- Por que você gosta dela?
- Porque ela não cria confusão, é bonita e enfeita a casa – respondeu meu pai. Resolvemos, então, dar um peixinho para meu pai. Peixes são lindos, enfeitam a casa e não criam confusão. Quem sabe assim... (STRAUSZ, 2010b, p.16-17).

Após os presentes não resolverem esse dilema, dentre as bruxas, as namoradas do pai, surge a figura de Circe. Em *a Odisseia*, Circe é uma feiticeira, cujos poderes transformaram os tripulantes da embarcação de Odisseu em porcos, mas devido às ameaças de Odisseu, ela





VII ENLIJE

reverte o feitiço, ademais, ofereceu-lhe hospitalidade e ajudou-o a atravessar a costa das Sereias. Semelhantemente a Circe da mitologia grega, a personagem de *A coleção de bruxas de meu pai* atua, nesta narrativa, como um auxílio ao pai e as crianças: “quando algum brinquedo se quebrava, ela dizia: – Vapt-Vupt, brinquedinho, fique inteiro como um ovo! Junte já os seus caquinhos! E o brinquedo ficava novo” (STRAUSZ, 2010b, p.24).

Circe situa-se, portanto, como uma bruxa diferente daquelas que são difundidas nos textos tradicionais, como figura de péssima aparência e má: “A escolhida era tagarela e falava alto como a primeira. Era carinhosa como a segunda e elegante como a terceira. Chamava-se Circe” (STRAUSZ, 2010b, p.22). Assim, as duas narrativas de Strausz situam-se como contemporâneas, concomitantemente, carregando indícios clássicos, mas os remodela, transformando-os em novos dados e em novas características

Conforme o exposto, tanto a figura do lobo como a figura da bruxa constituem a herança cultural transmitida à criança em seus processos de aprendizagem e leitura, diante das quais é colocada. Nesse sentido, a criança tende a enxergar sob a perspectiva de que ambas as personagens são inteiramente más, como indicam as narrativas tradicionais. Quando colocadas em uma situação de complicação, a criança utiliza os seus conhecimentos para enxergar e compreender a realidade. Assim, passa a enxergar os novos integrantes de suas família como “lobo” ou “bruxa”, porquanto, encaixam-se nas características aqui já apontadas, dentre elas: invasor, usurpador e ameaçador.

Para Magalhães (2001), é a função simbólica³ quem concede à criança a capacidade de representar o mundo, e também de compreendê-lo. Ocorre, portanto, a formação de um simbolismo, na qual um elemento é representado por outro. De acordo com Baggio (1977, apud Magalhães, 2001, p.36), um objeto é representado por outro. Nas narrativas, um indivíduo é representado, no imaginário infantil, por outro, um novo integrante da família, por uma representação de vilão:

no jogo simbólico um objeto é representado por outro, de modo que uma vassoura pode ser um avião, uma boneca toma o lugar de um amigo etc. (...) Através da imitação a criança a realidade de uma forma mais compensadora para ela.

Tanto em *Mamãe trouxe um lobo para casa* como em *A coleção de bruxas de meu pai* ocorre, portanto, a absorção de dados do mundo fantástico e a aplicação desses dados na realidade. Como nos contos de fada tradicionais, nos quais se fazem presentes os finais felizes, as crianças narradoras dessas obras de Strausz, também buscam ocasionar esses finais

³ Magalhães (2001, p. 35) indica que, para Piaget, a função simbólica corresponde à “atividade de imitação retardada, o desenho, a linguagem e o jogo simbólico”.





em seus dilemas familiares, no primeiro, o final feliz seria o distanciamento do lobo e da mãe, no segundo, o abandono da coleção de bruxas e o contentar-se com os animais de estimação presenteados.

Embora não sejam resolvidos dessa forma, os problemas resolvem-se, na medida em que nasce uma amizade entre as crianças e os supostos vilões. Logo, pode-se apontar essa absorção como uma tentativa de resolver os conflitos gerados no seio familiar na esperança de conseguirem, enfim, o viver o “feliz para sempre”. De acordo com Guelfi (1996):

Os contos de fada oferecem materiais de fantasia que sugerem à criança sob a forma simbólica, o significado para conseguir uma auto-realização. Os contos dizem à criança numa linguagem adequada à sua forma de pensamento (...) – que ela terá que passar por sofrimentos, privações, solidão e angústia, mas tudo vai acabar bem se ela for corajosa e enfrentar as dificuldades sem medo. (GUELFY, 1996, p.142)

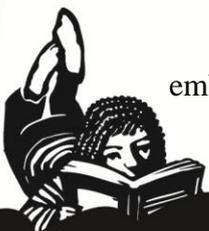
Enfim, nos contos de fadas tradicionais, a resolução e o desfecho constroem-se a partir da existência de um elemento mágico que ajude os protagonistas a enfrentarem e vencerem as adversidades que enfrentam (os seres maléficos, por exemplo), como as fadas, os talismãs, as varinhas mágicas. Nas duas obras em análise, a resolução parte do amadurecimento da figura do narrador, não sendo um elemento mágico o fator solucionador do conflito gerado nestes contos de fadas contemporâneos.

4. Considerações finais

Diferentemente das narrativas tradicionais, as duas obras de Strausz são narradas à perspectiva da personagem criança, logo, ambas apresentam caráter emancipatório quanto ao infante, em declínio do autoritarismo. Tais crianças-narradoras apresentam-se situadas em eventos de letramento literário, como a leitura dos contos de fadas clássicos e, assim, são colocadas diante à fantasia presente nessas obras, nas quais se faz presente o maniqueísmo, a dicotomia bem e mal, o mal personificado na figura do lobo e da bruxa

Situadas as crianças como leitoras destes textos clássicos, as suas compreensões acerca da realidade ainda estão em processo de desenvolvimento, as fazem interpretar a chegada dos novos integrantes à sua família a partir desta ótica do texto literário, por isso, compreendem o padrasto e a madrasta, como um lobo e uma bruxa, respectivamente. Ocorre a absorção de dados do mundo fantástico e o refletir desses dados na realidade.

Tanto em *Mamã trouxe um lobo para casa* como em *A coleção de bruxas de meu pai*, embora se constituindo como contos de fadas, não carecem da interferência de um elemento





mágico que atue como solucionador dos próprios problemas dos narradores, o amadurecimento de cada criança que lhe é o elemento chave, e, enfim, as relações de aversão e de medo tornam-se laços de amizade. Rosa Amanda Strausz mostra, por meio dessas obras, conforme Bettelheim (1978) aponta, que os contos de fadas fornecem à criança resposta aos seus conflitos interiores.

5. Referências Bibliográficas

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. 2. ed., São Paulo: Mestre Jou, 1977. _____ . *A Filosofia das Formas Simbólicas – A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Leo. Introdução. In: STRAUZ, Rosa Amanda. *A coleção de bruxas de meu pai*. São Paulo: FTD, 2010.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Disponível em: < <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/gancho-c-como-analisar-narrativas.pdf> > . Acesso em 10/fev./2017.
- GONÇALVES, Luciana Moreno Sacramento. *Entre desafiadora e má: uma análise das representações simbólicas das madrastas em contos de fada*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S4/lucianagoncalves.pdf>>. Acesso em 22/mar./2017.
- GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. *Literatura infantil – fantasia que constrói realidades*. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/929/843>>. Acesso em: 22/mar./2017.
- MAGALHÃES, Lígia Cademartori. História infantil e pedagogia. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real*. Teresina: UFPI, 2001.
- OLIVEIRA, Maria Rosa D.; PALO, Maria José. *Literatura infantil voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.
- STRAUSZ, Rosa Amanda. *A coleção de bruxas de meu pai*. São Paulo: FTD, 2010a. _____ . *Mamãe trouxe um lobo para casa*. São Paulo: FTD, 2010b.
- TAVARES, Márcia. *O personagem criança em narrativas infantis do PNBE (1999-2003)*. Disponível em: < <http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Marcia-Tavares-gt-21.pdf> >. Acesso em: 31/mar./2017.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

